BNCC: Perspectivas E Desafios Para A Promoção Da Educação Ambiental No Currículo Escolar

Valdinei Mendes Moura
UNIFACS

Farley Souza Ribeiro Menezes
UFVJM

Evangelinaldo Silva Saldanha
UNIFOR

Paula Da Silva Santos
Universidade Federal De Mato Grosso Do Sul

Mikel Eduardo De Mello
Universidade Federal De Mato Grosso Do Sul

Wesleia Patricia Lemes Dos Santos
Instituição Faculdade EBWU - Flórida USA Convênio Com JK Mantenedor Instituto Erich Fromm Brasília DF

Joelson Monte Dos Santos
Universidade Federal Rural De Pernambuco

Reinaldo Silva Dos Santos
Christian Business School

Denirio Itamar Lopes Marques
Universidade Do Vale Do Sinos

Roberta Alves Da Silva Ferreira
UNIOEST

Resumo:

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as perspectivas e desafios da inserção da Educação Ambiental no currículo escolar, com base nas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), investigando como esse tema tem sido compreendido e aplicado na prática pedagógica. A metodologia adotada foi de abordagem qualitativa, com caráter exploratório, envolvendo entrevistas semiestruturadas com 15 profissionais da educação (professores, coordenadores pedagógicos e gestores) atuantes em escolas públicas do ensino fundamental e médio. Os dados foram analisados com base na técnica de análise de conteúdo, permitindo identificar percepções recorrentes e experiências práticas. Os resultados revelaram que, apesar de a BNCC mencionar a sustentabilidade como princípio orientador, sua abordagem à Educação Ambiental ainda é considerada genérica e de difícil implementação. Os participantes apontaram desafios como a falta de formação específica, carência de recursos pedagógicos e ausência de apoio institucional. No entanto, também foram relatadas experiências bem-sucedidas, como projetos interdisciplinares e práticas contextualizadas que despertaram o interesse dos alunos. Conclui-se que, para que a Educação Ambiental se efetive de maneira crítica e transformadora nas escolas, é necessário investir em formação docente, ampliar o suporte pedagógico e reconfigurar a proposta curricular com base em uma abordagem mais integrada e contextualizada da sustentabilidade.

Palavras-chave: Educação ambiental; BNCC; Sustentabilidade.

Date of Submission: 19-05-2025

Date of Acceptance: 29-05-2025

I. Introdução

A crescente crise ambiental que marca o século XXI impõe à sociedade contemporânea uma reflexão urgente sobre seus modos de produção, consumo e interação com o meio ambiente. Mudanças climáticas, perda da biodiversidade, escassez de recursos naturais e degradação dos ecossistemas são apenas alguns dos sintomas de um modelo de desenvolvimento insustentável. Nesse contexto, a educação assume um papel estratégico na formação de uma consciência crítica e na construção de práticas mais sustentáveis. A Educação Ambiental (EA), portanto, surge como um instrumento essencial para fomentar atitudes responsáveis e compromissadas com a preservação do planeta. No Brasil, a Educação Ambiental está respaldada por um arcabouço legal que orienta sua inserção nos diferentes níveis e modalidades de ensino (Duarte; Sivieri-Pereira, 2023).

A Política Nacional de Educação Ambiental (Lei nº 9.795/1999) estabelece diretrizes que reforçam o caráter interdisciplinar e contínuo da EA, integrando-a aos projetos pedagógicos escolares. No entanto, apesar dos avanços legislativos, ainda há um longo caminho a ser percorrido para que a educação ambiental seja, de fato, efetiva e transformadora no cotidiano escolar. A fragmentação do conteúdo, a abordagem pontual e a ausência de articulação entre teoria e prática são desafios recorrentes na implementação dessa proposta (Costa; Fernandes, 2024).

Com a homologação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2017 para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental e, posteriormente, para o Ensino Médio em 2018, o Brasil passou a contar com um documento normativo que orienta os currículos escolares de todo o país. A BNCC propõe o desenvolvimento de competências e habilidades voltadas à formação integral do estudante, incluindo a valorização da sustentabilidade e da cidadania ativa. Nesse sentido, a EA é contemplada como um eixo transversal que perpassa diferentes componentes curriculares, especialmente nas áreas de Ciências da Natureza e Ciências Humanas (Leite et al., 2023).

Entretanto, a forma como a BNCC trata a Educação Ambiental tem gerado debates entre educadores, pesquisadores e ambientalistas. Há questionamentos sobre a efetividade da transversalidade proposta, a ausência de menções explícitas ao termo “Educação Ambiental” em algumas etapas da educação básica e a carência de diretrizes mais concretas para sua operacionalização nas práticas pedagógicas (Lima et al., 2024).

Além disso, a formação inicial e continuada dos professores nem sempre oferece subsídios suficientes para lidar com as complexidades e demandas que a EA exige. Outro ponto crucial diz respeito à articulação entre os conteúdos escolares e os contextos locais e globais em que os estudantes estão inseridos. A promoção da sustentabilidade demanda uma abordagem crítica, reflexiva e contextualizada, capaz de conectar o conhecimento acadêmico à realidade vivida pelos alunos (Oliveira, 2023).

Nesse cenário, a escola deve assumir um papel propositivo, tornando-se um espaço de reflexão e ação em prol do meio ambiente. Projetos interdisciplinares, metodologias ativas e o fortalecimento do protagonismo estudantil são caminhos possíveis para tornar a EA mais significativa. Apesar dos desafios, há também importantes perspectivas para o fortalecimento da Educação Ambiental no currículo escolar a partir da BNCC. A valorização da aprendizagem por projetos, a flexibilização curricular e a promoção de competências socioemocionais e cognitivas alinhadas à sustentabilidade são algumas das oportunidades que o documento oferece. Cabe aos gestores escolares, docentes e demais atores educacionais o papel de ressignificar essas diretrizes em práticas pedagógicas concretas e inovadoras, que promovam uma cultura de sustentabilidade desde a infância (Oliveira; Neiman, 2020).

Diante desse cenário, o objetivo desta pesquisa é analisar as perspectivas e os desafios relacionados à inserção da Educação Ambiental no currículo escolar a partir da BNCC, investigando de que maneira o documento normativo contribui – ou limita – a promoção de práticas pedagógicas voltadas à sustentabilidade, e como as escolas podem superar os obstáculos para integrar efetivamente essa abordagem em sua proposta educativa.

II. Materiais E Métodos

A presente pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, com o objetivo de compreender as percepções, práticas e desafios enfrentados por profissionais da educação quanto à inserção da Educação Ambiental no currículo escolar, à luz das diretrizes estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A escolha da abordagem qualitativa se justifica pela intenção de aprofundar a análise sobre experiências vividas e interpretar o significado atribuído pelos sujeitos pesquisados às suas práticas pedagógicas. A pesquisa foi realizada em escolas públicas de ensino fundamental e médio, selecionadas por conveniência, considerando a disponibilidade e o interesse das instituições e dos participantes em contribuir com o estudo. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, aplicadas individualmente a cada participante. As entrevistas tiveram duração média de 30 a 40 minutos, sendo gravadas com autorização dos entrevistados e posteriormente transcritas para análise. A amostra foi composta por 15 profissionais da educação, incluindo professores de diversas áreas do conhecimento (Ciências, Geografia, Língua Portuguesa, entre outras), coordenadores pedagógicos e gestores escolares. Os critérios de seleção consideraram a atuação direta com os anos finais do ensino fundamental e o ensino médio, bem como o envolvimento com projetos ou ações

relacionadas à temática ambiental nas escolas. O número de participantes foi suficiente para a saturação dos dados, permitindo identificar padrões, divergências e aspectos recorrentes nas falas. Durante as entrevistas, buscou-se explorar temas como: o conhecimento dos profissionais sobre as orientações da BNCC referentes à sustentabilidade; as estratégias pedagógicas utilizadas para trabalhar a Educação Ambiental; os principais desafios enfrentados no cotidiano escolar; e sugestões para o fortalecimento dessa temática no currículo. As perguntas foram elaboradas com base na revisão teórica prévia e ajustadas após um teste piloto realizado com dois docentes. Para a análise dos dados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, que compreende três etapas principais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação. As categorias foram definidas a partir dos objetivos da pesquisa e emergiram também do próprio discurso dos participantes, sendo organizadas de forma a evidenciar tanto os aspectos convergentes quanto os divergentes nas respostas.

III. Resultados E Discussões

A pesquisa revelou um panorama multifacetado sobre a implementação da Educação Ambiental (EA) nas escolas, considerando as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A primeira questão que surgiu foi a percepção dos profissionais sobre a abordagem da EA no currículo. Muitos entrevistados destacaram que, embora a BNCC mencione a sustentabilidade como um eixo transversal, a temática é tratada de maneira superficial. Segundo o respondente E04, "a BNCC menciona a Educação Ambiental de forma superficial, sem aprofundar nas questões socioambientais que impactam diretamente a realidade dos alunos". Essa crítica foi compartilhada por outros participantes, como o E10, que apontou que "a transversalidade proposta pela BNCC é mais um discurso do que uma prática efetiva nas escolas". Essa percepção reflete um desafio já discutido em diversos estudos acadêmicos, que apontam que a Educação Ambiental, muitas vezes, não encontra espaço suficiente para ser integrada de maneira efetiva nos currículos escolares.

Outro ponto abordado pelos participantes foi a falta de uma formação específica para os educadores, algo que compromete a qualidade da abordagem de temas ambientais na sala de aula. Muitos dos entrevistados relataram que a formação inicial, seja na graduação ou em cursos de atualização, não foi suficiente para capacitá-los a trabalhar com temas ambientais de forma crítica e aprofundada. O respondente E07, por exemplo, afirmou: "Durante a graduação, não houve nenhuma disciplina voltada para a Educação Ambiental; tive que buscar por conta própria". Essa lacuna na formação foi corroborada pelo E12, que comentou: "A escola oferece poucas oportunidades de capacitação continuada, o que dificulta a atualização sobre novas abordagens pedagógicas".

Dessa forma, a falta de preparo específico dos professores para lidar com a complexidade da Educação Ambiental é uma das barreiras mais apontadas pelos participantes da pesquisa. Além da formação, outro aspecto que os participantes destacaram foi a falta de recursos pedagógicos e materiais adequados para a implementação da Educação Ambiental. De acordo com o E03, "muitas vezes, os professores têm ideias e vontade de trabalhar a sustentabilidade, mas não têm materiais que ajudem a concretizar essas atividades". Essa dificuldade é comum, especialmente nas escolas públicas, onde os recursos são limitados e a infraestrutura nem sempre está preparada para suportar projetos que envolvam práticas ambientais mais profundas. O E05 relatou uma experiência similar, ao dizer: "Embora a escola tenha se empenhado em iniciar projetos de reciclagem e compostagem, a falta de materiais adequados e de tempo para organizar as atividades compromete a efetividade das ações".

A resistência à mudança, tanto por parte de educadores quanto dos próprios alunos, também foi identificada como um desafio significativo. Muitos professores mencionaram que, embora reconheçam a importância da Educação Ambiental, sentem-se sobrecarregados com a carga curricular e a pressão para cumprir os conteúdos tradicionais. O E09, por exemplo, compartilhou: "Eu sei da importância da Educação Ambiental, mas já temos muitos conteúdos para cobrir, e os alunos não têm interesse, o que dificulta a aplicação dos temas ambientais de forma integrada". Para o E06, a resistência não é apenas dos educadores, mas também dos estudantes: "Eles não veem a sustentabilidade como algo importante, pois estão mais preocupados com questões imediatas como a prova de matemática". Esse desinteresse ou resistência pode ser explicado pela falta de uma abordagem mais prática e contextualizada que relacione as questões ambientais ao cotidiano dos alunos.

Além disso, a pesquisa revelou uma percepção generalizada de que a Educação Ambiental precisa ser mais bem contextualizada e ligada à realidade local dos estudantes. De acordo com o E11, "a Educação Ambiental precisa partir do contexto local dos alunos, das questões que eles vivenciam no dia a dia, como o lixo nas ruas e a escassez de água". A ideia de uma abordagem contextualizada também foi apoiada pelo E02, que sugeriu: "Para engajar os alunos, precisamos ir além do conceito de natureza intocada e discutir os problemas ambientais que eles vivenciam no bairro, como o acúmulo de lixo ou a falta de saneamento básico". Esses relatos sugerem que a Educação Ambiental deve ser mais do que uma disciplina sobre conservação; ela precisa ser uma ferramenta de transformação social, conectando o conhecimento acadêmico à realidade dos alunos.

No entanto, alguns profissionais indicaram que, apesar dos desafios, existem boas práticas sendo realizadas nas escolas. O E08, por exemplo, comentou sobre um projeto que foi implementado em sua escola, dizendo: "Iniciamos um projeto de hortas escolares, e foi surpreendente ver o engajamento dos alunos, que passaram a cuidar das plantas e entender o ciclo da alimentação de uma maneira mais prática e real".

Outros participantes também relataram a utilização de atividades interdisciplinares, que envolveram temas de sustentabilidade em diversas disciplinas, como Ciências, Geografia e Língua Portuguesa. A E01 destacou que "a interdisciplinaridade tem sido uma das estratégias mais eficazes para integrar a sustentabilidade no currículo, pois ela permite que os alunos vejam a relação entre os diferentes saberes". Ainda assim, a falta de um planejamento curricular estruturado para a Educação Ambiental foi vista como uma barreira importante. O E13 apontou que "os professores têm boa vontade, mas não há uma estrutura curricular que realmente apoie a integração da sustentabilidade de forma contínua". Essa falta de estrutura está ligada à visão fragmentada que muitos educadores possuem sobre o tema, como indicou o E14: "A sustentabilidade acaba sendo tratada de forma pontual, com um projeto ou uma atividade isolada, e não como um conteúdo permanente dentro do currículo".

Por outro lado, alguns entrevistados acreditam que as mudanças mais significativas podem vir com o fortalecimento de um trabalho colaborativo entre as escolas e a comunidade. O E15 destacou: "Acredito que, para que a Educação Ambiental seja efetiva, a escola precisa trabalhar junto com a comunidade, trazendo a família e os moradores para participar de projetos e ações". A colaboração entre diferentes esferas da sociedade pode, de fato, ser um caminho importante para fortalecer a Educação Ambiental, como sugerido por esse e outros entrevistados.

Dentre as principais sugestões para melhorar a implementação da Educação Ambiental nas escolas, os profissionais apontaram a necessidade de maior capacitação e formação continuada dos docentes, o fornecimento de recursos pedagógicos adequados e a criação de espaços para a troca de experiências entre os educadores. O E07 sugeriu: "Seria interessante se as redes de ensino organizassem encontros periódicos para discutir e compartilhar práticas bem-sucedidas de Educação Ambiental". Essa ideia foi apoiada por outros entrevistados, que destacaram a importância da troca de conhecimentos e da criação de redes de apoio entre os profissionais da educação.

Ainda sobre sugestões, muitos participantes sugeriram a inclusão de temas ambientais em eventos escolares, como feiras de ciências, gincanas e competições, que poderiam estimular o interesse dos alunos pela temática. O E04 comentou: "Já fizemos uma feira de ciências sobre a reciclagem, e foi um sucesso, pois os alunos se envolveram de forma lúdica e criativa". A aplicação de abordagens mais dinâmicas e criativas é vista como uma forma de atrair a atenção dos alunos e tornar o aprendizado mais significativo.

A análise dos resultados indicou, portanto, que, apesar de muitos desafios na implementação da Educação Ambiental no currículo escolar, há um grande potencial para o desenvolvimento de práticas mais eficazes. A falta de formação específica, a resistência dos alunos e a escassez de recursos são obstáculos reais, mas que podem ser superados com iniciativas colaborativas, maior apoio institucional e a adoção de metodologias mais envolventes e contextuais. A BNCC, embora ainda não totalmente implementada de maneira eficaz em termos de Educação Ambiental, oferece um ponto de partida para a reflexão e a ação pedagógica no campo da sustentabilidade. As escolas que conseguirem superar esses obstáculos terão, com certeza, um papel transformador na formação de cidadãos mais conscientes e engajados com as questões ambientais.

IV. Conclusão

A presente pesquisa permitiu compreender, de maneira mais profunda, como a Educação Ambiental vem sendo inserida no contexto escolar a partir das diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), bem como os principais desafios e possibilidades enfrentados por educadores na promoção da sustentabilidade no currículo. Os dados revelaram que, embora a BNCC mencione a sustentabilidade como um dos princípios formadores da educação básica, sua abordagem ainda é considerada limitada, genérica e, muitas vezes, pouco operacionalizável no cotidiano das escolas. Os profissionais da educação entrevistados destacaram a importância da Educação Ambiental como eixo fundamental para a formação cidadã e crítica dos estudantes.

No entanto, apontaram diversas dificuldades para sua efetivação, tais como a falta de formação adequada, escassez de recursos didáticos, ausência de apoio institucional e a sobrecarga de conteúdos obrigatórios. Ficou evidente que a transversalidade proposta pela BNCC, apesar de conceitualmente relevante, na prática, depende da iniciativa individual dos docentes e do engajamento coletivo das escolas para se materializar em ações concretas.

Por outro lado, também foram identificadas experiências positivas, como projetos interdisciplinares, hortas escolares, feiras ambientais e atividades práticas que envolvem diretamente os estudantes. Essas iniciativas mostram que, quando bem planejadas e contextualizadas, as ações de Educação Ambiental podem gerar impactos significativos no engajamento dos alunos e na construção de uma consciência ecológica. A pesquisa também reforça a necessidade urgente de políticas públicas mais consistentes que valorizem e incentivem a formação continuada de professores na área ambiental, bem como a produção de materiais pedagógicos contextualizados e adequados à realidade das escolas.

Além disso, aponta para a importância de uma maior articulação entre currículo, comunidade escolar e território, de modo a tornar a Educação Ambiental mais significativa e transformadora. Dessa forma, conclui-se que a promoção da sustentabilidade na escola não deve ser tratada como um tema isolado, mas sim como parte integrante da proposta pedagógica, conectada aos valores, práticas e saberes que perpassam todas as áreas do

conhecimento. A superação dos desafios identificados exige compromisso político, investimento em formação docente e uma mudança cultural no modo como a escola compreende sua função social frente às questões ambientais contemporâneas.

Portanto, espera-se que esta pesquisa contribua para o debate sobre a importância de fortalecer a Educação Ambiental no contexto da BNCC, ampliando a reflexão sobre práticas pedagógicas que incentivem a construção de uma cultura de sustentabilidade, crítica e participativa. Que as escolas, os professores e os gestores possam avançar na construção de currículos mais coerentes com os desafios do nosso tempo, promovendo uma educação comprometida com a vida em todas as suas formas.

Referências

- [1]. Costa, M. S.; Fernandes, A. O. A Importância Da Conscientização Ambiental, Cidadania E Sustentabilidade No Ensino Escolar. Foco: Caderno De Estudos E Pesquisas, V. 4, N. 26, 2024.
- [2]. Duarte, A. J. O.; Sivieri-Pereira, H. De O. . Educação Ambiental Multidimensional. Revista Brasileira De Educação Ambiental (Revbea), [S. L.], V. 18, N. 4, P. 416–437, 2023.
- [3]. Leite, G. S. Et Al. Importância Da Educação Ambiental Nas Escolas: Considerações E Desafios Sobre As Práticas Educativas. Cuadernos De Educación Y Desarrollo, [S. L.], V. 15, N. 10, P. 11036–11053, 2023.
- [4]. Lima, La De O.; Santos, Af Dos; Nunes, M.M.; Silva, Ib Da; Gomes, Vmm Da S.; Busto, M. De O.; Oliveira, Maml De; João, B. Do N. Práticas De Gestão Sustentável: Marketing Verde Como Fonte De Vantagem Competitiva Organizacional. Revista De Gestão Social E Ambiental , São Paulo (Sp), V. 4, 2024.
- [5]. Oliveira, A. N. S. Práticas De Educação Ambiental Na Construção De Escolas Sustentáveis. Revista Educação Ambiental Em Ação, 2023.
- [6]. Oliveira, L. De; Neiman, Z. Educação Ambiental No Âmbito Escolar: Análise Do Processo De Elaboração E Aprovação Da Base Nacional Comum Curricular (Bncc). Revista Brasileira De Educação Ambiental (Revbea), [S. L.], V. 15, N. 3, P. 36–52, 2020.